



Geografia Econômica e sua relevância na compreensão das transformações econômicas globais

 <https://doi.org/10.56238/levv15n40-069>

Claudia Cleomar Ximenes

Mestra em Geografia

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

E-mail: profa.ximenescerqueira@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4125-7991>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8014015246571237>

Sônia Maria Teixeira Machado

Mestra em Geografia

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia - IFRO

E-mail: sonia.machado@ifro.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4895-0662>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6452764110432892>

José Mauro Palhares

Doutor em Geografia

Universidade Federal do Paraná - UFPR

E-mail: jmpalhares@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9311-1049>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8262131787816202>

RESUMO

Uma economia para operar necessita de um sistema financeiro, monetário que no mundo contemporâneo tem se aperfeiçoado com uma transição que foi das trocas de mercadoria, as de mão de obra, ao ouro, as moedas e títulos de crédito (tudo físico) as transações digitais. As transformações globais seguem uma dinâmica complexa. Nesse diálogo geográfico que o objetivo desse estudo é de apresentar como a geografia econômica contribui na compreensão da práxis econômica, e especificamente pontua as características da geografia econômica. A metodologia utilizada trata dos estudos bibliográficos pensado de forma qualitativa o com uso da dialética. As principais conclusões é de que a Geografia Econômica é uma das subáreas da Geografia Humanista que trabalha com a identificação espacial dos setores produtivos. Os setores econômicos e redes comerciais na contemporânea; identifica a economia global com o desenvolvimento regional e as desigualdades econômicas e, os principais conceitos, estão ligados a teoria da localização, a geografia do desenvolvimento, a globalização e suas implicações econômicas.

Palavras-chave: Economia, Espacialização, Setores Produtivos, Território.



1 INTRODUÇÃO

Tratar de economia exige conhecimento sobre a dinâmica política financeira, não só local, regional ou nacional. Com a globalização é necessário ampliar e entender o que ocorre a nível mundial. O sistema econômico é complexo e desequilibrado, aparentemente difícil de ser compreendido. A Geografia Econômica, entretanto, permite a construção de modelo simplificado desta realidade e torná-la compreensiva. Compreende-se, portanto, a visão de uma economia que se constitui em sistema, possui uma estrutura espacial e as relações que existem dentro dela não ocorrem ao acaso, mas obedecem à lógica da acumulação capitalista.

A geografia econômica explora a relação dinâmica entre o espaço geográfico e a economia. Com investigações da organização espacial das atividades econômicas e os fatores que influenciam o desenvolvimento econômico regional e global. Ela é essencial para entender como o território molda e é moldado pelos processos econômicos, bem como busca soluções para as desigualdades econômicas e o desenvolvimento sustentável. Por meio das análises é que se alcança o conhecimento das características econômicas de determinado recorte espacial e sua correlação com o desenvolvimento global.

As abordagens mais recentes da geografia econômica incluem a análise de fluxos globais, o papel das novas tecnologias no espaço econômico e o estudo das economias digitais e criativas. Há também um crescente interesse em como o capital, o trabalho e as infraestruturas são moldados por fenômenos culturais e sociais. Ecoa no universo econômico uma disputa entre o uso indiscriminado dos recursos naturais e a proposta de sustentabilidade e esse processo se iniciou na década de 1980, com os movimentos ambientalistas que, por vezes são confundidos com o caráter investigativo da Geografia.

Embora não seja o foco desse estudo discutir o capitalismo e sua força junto ao sistema global do mercado financeiro, não dá para negar que a sociedade humana vive uma economia capitalista. Antes dos anos de 1930 era uma economia mercantil-especulativa; passa a ser capitalista industrial, com fortes influências o Estado regulador e produtor. Um capitalismo monopolista e estatal marcado pela intervenção de grupos hegemônicos. Não restam dúvidas que a economia é fruto de um processo histórico complexo, que necessita de periodização.

A periodização econômica corresponde a uma periodização política, sob a égide do sistema global econômico. A formação desse sistema econômico é ao mesmo tempo social contraditório e dinâmico. Reconhece-se que os modelos econômicos: mercantil até 1930 e o Industrial que perpassou o século XX, migra para um novo universo, o espaço virtual, o mundo digital. Chama atenção ao fato de que, em todos os períodos econômicos a segregação e exclusão do mercado do trabalho se fazem presente no Brasil. Para entender a espacialização econômica e social.

Como ramo da Geografia, a Geografia Econômica, estuda a distribuição espacial das atividades econômicas e a relação entre o espaço e a economia, tem o foco em compreender como os fatores econômicos influenciam a organização do território. Nessa linha de reflexão, o objetivo desse estudo é apresentar como a geografia econômica contribui na compreensão da práxis econômica. Especificamente apresenta a geografia econômica; correlacionam os setores econômicos e redes na contemporânea; identifica a economia global com o desenvolvimento regional e as desigualdades econômicas.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho utiliza uma metodologia qualitativa de cunho exploratório e descritivo, apoiou-se na pesquisa bibliográfica como fonte central de dados. Assim sendo, o diálogo encontra-se pautado na contribuição geográfica, para pensar no sistema econômico contemporâneo. Não é uma abordagem direta a um tema específico, mas, a indicação da importância de mapear, geografizar a temática Economia, que tanto tem preocupado brasileiros e outros cidadãos do Mundo, com a atual conjuntura política e economia global.

O estudo em tela teve como base teórica geógrafos que trabalham com a Geografia Econômica que dá a sustentabilidade necessária para evidenciar a quão importante é a abordagem desse ramo da geografia. No entanto, o eleito para as discussões geográficas se encontra na teoria de Milton Santos. Em linhas diretas, o estudo bibliográfico, pontuado traz para o leitor uma visão geral do uso das categorias de análise geográfica no ambiente econômico e os conceitos abordados está na teoria da localização, geografia do desenvolvimento e a globalização.

A ideia principal é elencar razões para que a Geografia Econômica seja utilizada para as abordagens dos processos econômicos (produção, consumo, distribuição de bens e serviços). Dessa forma a sua distribuição no espaço geográfico e como o espaço influencia certas atividades em determinadas regiões bem como análise dos seus efeitos no desenvolvimento local, nacional e global. As características só podem ser explicadas dentro do estudo de redes e temporalidades de políticas. Óbvio que as dependências econômicas têm mudado de caráter à medida que á desenvolvimento, mas, continua a ser não apenas uma característica, mas também a causa fundamental de estratégias.

Na atualidade a tendência é uma dependência cada dia maior de tecnologias digitais, além de cultural, à medida que os grupos hegemônicos locais continuam a tentar copiar os padrões de consumo de países desenvolvidos, a custo da mão de obra de grande maioria da população. Não obstante, importante compreender que há uma mudança geopolítico em curso e que isso deve ser estudado e investigado a luz da Ciência, numa explícita busca de afirmativa para tese, ou mesmo a apresentação dialética de antítese e síntese, como ensina Hegel (1996; 2014).

A sugestão para um estudo geográfico à área de economia é a de Milton Santos (2014b) que trata da análise da situação geral que se embasa no esquema operacional, o qual estrutura um cenário de organização espacial. No âmbito da Geografia Econômica, essa abordagem oferece uma compreensão das causas da problemática e sugere ações voltadas para o desenvolvimento econômico. Cerqueira (2016) e Ximenes (2021a; 2021b) sintetizaram a “Análise da Situação Atual” de Milton Santos de forma que melhor possa entender o que esse renomado geógrafo oferece como metodologia.

Com uma abordagem dialética dos estudos geográficos, entende-se que é necessário roteiros para serem, no mínimo consultados. O quadro 1, está uma sugestão metodológica de como trabalhar com a concepção da Geografia econômica.

Quadro 1 - Um esquema Operacional: a análise da situação atual de Milton Santos

ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL	
SÉRIE DE ESTUDOS	FASES
Estudo formal (estatístico e documental)	1. Distribuição espacial das atividades materiais, dos serviços das infraestruturas e do ser humano.
	2. Fluxos gerados pelas atividades e pela presença de uma população: vias e meios de transporte e comunicação.
Análise de conteúdo	1. Uma caracterização da evolução do contexto e de suas variáveis, com a identificação das causas respectivas.
	2. A distinção entre evolução “espontânea”, derivada principalmente das forças do mercado, e evolução “dirigida”, ou planejada.
	3. Os efeitos recíprocos entre os diversos tipos de evolução.
	4. As condições da evolução recente e atual.
Tentativa de periodização de identificação das tendências	1. As características de cada período.
	2. A periodização da evolução.
	3. A identificação das tendências nascentes em cada período.
	4. A identificação, assim, dos fatores de evolução e dos fatores de mutação.
	5. As principais consequências ligadas aos itens precedentes.
Definição da problemática atual	1. À concentração geográfica das atividades e suas consequências sociais, econômicas, administrativas etc.
	2. Às atividades de controle externo, recentes ou não, e suas consequências sociais, econômicas, administrativas etc.
	3. Às perspectivas de uma evolução “espontânea”, e aos seus componentes especulativos.
	4. Ao papel do poder público, nos seus diversos níveis, nessa evolução.

Fonte: Cerqueira (2016); Ximenes (2021)

Dentro de um contexto amplo dos métodos que se deve posicionar o panorama geral, a fim de entender melhor a especificidade da temática com o enfoque econômico, social e ambiental, o apresentado por Milton Santos é funcional, como comprovado por Cerqueira (2016) e Ximenes (2021a; 2021b). De certo modo, a análise da situação atual busca preencher lacunas que a própria profundidade investigativa da Geografia Econômica promove. Contribui assim, com a sociedade de maneira abrangente. A relevância da proposta oferecida nesse estudo reside no fato de que ele pode ser replicado e ajustado a novas pesquisas em diferentes locais.

3 GEOGRAFIA ECONÔMICA

A geografia econômica emergiu na Alemanha, sob a influência de Carl Ritter, como explica Claval (2005). Ela se espacializou a partir do final da década de 1850. Seu propósito era a análise da heterogeneidade das regiões econômicas num período em que a expansão das ferrovias e da navegação a vapor possibilitou novas oportunidades de introdução de tecnologias para uma especialização na produção. Ela surge de forma sistematizada, como ocorreu com a macro Geografia. O crescimento das sub-áreas evoluiu com o pensamento humano e, conseqüentemente, com o desenvolvimento científico da disciplina. Contudo, a Geografia passou por momento de conflitos, onde os jogos de interesses políticos e econômicos passaram a se infiltrar meio a Academia.

Não é uma questão de compreender o capital em níveis diferentes, mas de reconhecer que os fenômenos ocorrem em escalas diferentes. As mesmas possuem pontos fortes e fracos que merecem ser abordados, elencados deles, extraído a essência econômica, seja ela micro, ou macro (local, regional, nacional ou global). Santos (2014b; 1998) deixa como legado metodológico para o olhar sobre os arranjos econômicos, a necessidade de se entender as redes de interação e as teias de dependência produtiva.

Toma-se como exemplo a região da Zona da Mata do Guaporé em Rondônia, com alta produção agropecuária em mais de 11 municípios, para atender o setor industrial de produção de carne em Rolim de Moura, que tem como destino da produção principal o mercado internacional, exportando para Ásia, Oriente Médio, África entre outros destinos. Assim como o aperfeiçoamento das tecnologias de produção cafeeira que nos anos de 1980 e 1990 utilizava um número expressivo de terra e com a introdução de novas tecnologias e melhoramento de técnicas passou a usar menos hectares e produzir mais grãos por arbórea cafeeira.

Uma das preocupações dos estudiosos da Geografia é a diluição da disciplina em áreas afins, o que poderia ser considerada como perda de sua identidade enquanto área do conhecimento. Entretanto, a busca por uma identidade não permitiu que houvesse uma dissociação dos princípios, categorias de análise, objetivo e objeto de estudo da Geografia. O espaço continuou a ser o ponto de partida das pesquisas geográficas, mesmo com as transições ocorridas durante o século XIX e XX. No século XXI, com os problemas híbridos a água, por exemplo passou a ser objeto de disputas econômicas (CARAMELLO et al. 2021; XIMENES, 2021c).

Geografia transitou por diversas correntes ideológicas: no século XIX teve o Determinismo Ambiental e o Possibilismo; no século XX surgem mais três correntes, o Método Regional, a Nova Geografia, também conhecida como Geografia Pragmática e/ou Geografia Quantitativa, ambas são rebatidas pela corrente sucessora, a Geografia Crítica. Para discutir a economia no sentido amplo da Geografia vale trazer um autor que de uma década atrás. Por se tratar da Geografia Humanista, as

questões dos aspectos físicos são deixadas em segundo lugar, no entanto, trata de uma das mais antigas áreas de estudo da Geografia e envolve vasto conteúdo com influência direta do ser humano.

3.1 CORRELAÇÃO DA GEOGRAFIA ECONÔMICA: AMBIENTE E CAPITALISMO

Um planeta dotado de recursos naturais, extraídos economicamente, possui consequências mensuráveis tanto pelas ciências físicas quanto pelas humanas. Entre elas destaca-se a ciência Geográfica, aquela que se debruça a compreender a dinâmica de interação e exploração antropogênica da natureza. O planeta, a sociedade e o consumo, se tornaram tão forte, que cientistas apontam preliminarmente uma proposta de uma nova era geológica ou o período intitulado pelo Antropocene Working Group de Antropoceno (Grupo de Trabalho do Antropoceno), em razão do que classificam como a “Grande Aceleração”.

Compreender as interfaces do capitalismo ou do próprio socialismo planteado na conquista pelo poder econômico no século XXI, traz o consumo como primeira necessidade de ser analisado por meio de um leque de interações da geografia enquanto ciência com outras que aceitem o desafio de se instrumentalizarem para a leitura que se faz necessário. A diversidade das categorias de análise desta ciência a leva ao diálogo com outras disciplinas, que igualmente, buscam por respostas aos problemas elencados por seus pesquisadores. O que, por vezes, retratam as indagações e angústias da sociedade.

As interrogações são diversas e provenientes de áreas diversas do conhecimento. A multidisciplinariedade na geografia advém desde a sua origem, e a epistemologia geográfica mostra que a Terra só é completa se todas as ciências estiverem envolvidas na construção de sua história, na busca por compreender o espaço geográfico e os fenômenos sobre ela ocorridos. Neste impasse se torna oportuna citarmos a sociedade como produtoras de segundas naturezas, como aponta Molina e Toledo (2013), que traz o resgate do termo Metabolismo Social.

Após décadas de esquecimento, o conceito foi redescoberto no final dos anos 1970 por economistas que o reinventaram sem conhecer sua origem. Foi só em 1997 que Marina Fisher-Kowalski publicou um capítulo no Handbook of Environmental Sociology (Manual de Sociologia Ambiental) (REDCLIFT; WOODGATE, 1997), onde destacou o conceito como uma “Estrela emergente” na análise de fluxos de material. Dessa forma o metabolismo social correlacionado a Geografia Econômica, pode ser interpretada de várias formas. Como intercâmbio contínuo de energia e materiais entre o ambiente natural e as estruturas sociais, assim como entre diferentes sociedades, segue uma lógica cultural que define suas dinâmicas.

Esse fluxo constante de recursos é central para a geografia econômica, pois influencia a organização espacial das economias, a distribuição dos recursos naturais, e o impacto das atividades humanas nos ecossistemas (XIMENES; LOCATELLI, 2016). A linha de estudo da Geografia que trata da economia espacializa as condições econômicas sobre a Terra. Trata da relação entre os fatores

físicos e biológicos produtores dos recursos naturais e fluxos de matéria. O foco são os aspectos espaciais das atividades econômicas nas mais variadas escalas. Bem como cuida do estudo das condições e técnicas que determinam o processo produtivo e modal de transporte.

As distâncias entre um ponto e outro, mão de obra disponível influenciam nas tomadas de decisões das políticas públicas econômicas e empresariais, tanto quanto clima, flora, fauna, água, fontes de energia e fatores político-sociais. Todo o contexto econômico pode ser mapeado pela geografia, numa perspectiva socioeconômica. Milton Santos (2011; 2012; 2014a; 2014b) elaborou a relação entre espaço geográfico, economia e sociedade em muitos de seus trabalhos, com destaque para a influência de fatores naturais, sociais, econômicos e políticos na organização do território e na tomada de decisões, especialmente em suas obras sobre globalização, urbanização e o uso do território.

Compreende-se que a Geografia Econômica é considerada uma subárea da Geografia Humana. Entretanto, frisa-se aqui que a classificação e posicionamento ideológico e econômico desta linha da Geografia não influencia no objetivo deste capítulo que é apresentar e refletir sobre os Recursos Naturais e Recursos Ambientais sob a perspectiva espacial da Geografia Econômica. Nem humanas, nem físicas. O objetivo é de elencar ambos os recursos e o olhar sobre a mesma é a geográfica, tendo o espaço como categoria principal de análise. Nesse contexto, conceitualmente dois termos empregados ao longo do texto, que embora sejam parecidos possuem conotações diferentes nesse estudo, como se segue:

- a) Recursos Naturais — é tudo aquilo que o ser humano pode explorar de forma comercial e, podem ser renováveis ou não renováveis (VENTURI, 2006).
- b) Recursos Ambientais — São “[...] a atmosfera, as águas interiores, superficiais e subterrâneas, os estuários, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna e a flora. (Redação dada pela Lei 7.804, de 1989)”.

Numa leitura integrada dos Recursos Naturais e dos Recursos Ambientais, a Geografia Econômica, traz o ser humano como agente racional do processo produtivo que se apropria dos mesmos para interesses próprios ou mesmo coletivos. O que se ajuíza é que toda dinâmica produtiva utiliza destes recursos, em algum momento do seu ciclo. Entretanto, o que concerne a este estudo, é chamar atenção para os recursos elencados, numa perspectiva espacial, assim como a compreensão das diferenças e singularidades de ambos, reconhecendo que há uma história ambiental que precisa ser resgatada junto a leitura econômica da apropriação ambiental de um determinado espaço geográfico.

A Geografia Econômica, como destacou George (1967, p. 18) “[...] tem por objeto o estudo das formas dos diferentes produtos no âmbito mundial” e, em domínios regionais e locais, bem como, Harvey (2005), Corrêa e Rosendall (2010), Videira (2011), Santos (2011; 2012) e Moraes (2009)

destacam que a produção tem toda uma estrutura singular. Em sua acuidade contribui com o mosaico da geografia econômica contemporânea. Isso, na mesma proporção em que a informação e a tecnologia se tornaram dinâmicas e indispensável.

O desenvolvimento econômico e social de uma região advém da cultura do uso dos recursos da natureza tanto endógenos, quanto do empreendedorismo exógeno que agem como verdadeiro predador em busca de recursos naturais regional, com o uso e ocupação do solo, do espaço e maximização destes recursos. A acepção do desenvolvimento econômico cultural é destacada por Corrêa e Rosendahl (2010), os quais explicam que a economia e sua dinâmica estão vinculadas a fatores culturais e, a cultura é mercantilizada com o tempo. As políticas públicas voltadas à expansão da economia e, a modernização fiscal é a “mola” propulsora da intervenção do Estado no desenvolvimento regional.

Abre-se aqui um “parente”, pois, se impõe a necessidade de se orientar acerca da definição de Geografia Econômica. Para tanto, se traz Pierre George, lá dos anos de 1967, que apresenta o objetivo e definição desta área de estudo geográfica. A importância dada a tão distante literatura se dá pela consistência básica da disciplinam. Segundo o autor,

A Geografia Econômica tem por objetivo o estudo das formas de produção, assim como da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial. É essencialmente uma ciência humana ou, mais precisamente, uma ciência social, no sentido de que os processos de produção, de transporte e trocas, de transformação e de consumo dos produtos resultam de iniciativas humanas, as quais devem seus característicos e sua eficiência às formas de organização provenientes do passado próprio a cada grupo humano. (GEORGE, 1967, p. 9).

A Geografia tem várias subáreas do conhecimento, que trata tanto de questões físicas tanto sociais e econômicos, levando em conta a crescente relevância dos fatores culturais. Para cada sub-área a metodologia aplicada no estudo é diferente, daí a dificuldade em se estudar a Geografia num todo, entretanto as pesquisas são realizáveis.

Na década de 1990, Egler (1991) discutia a Geografia Econômica em escala, o que contribui a este estudo. Imperativo entender a dinâmica ecumênica do capitalismo sem deixar de atender as especificidades locais. Nesse ponto o autor estabelece diferenças entre as escalas geográficas e/ou níveis de análise espacial. Na mesma linha de Milton Santos, Egler propõe aferição do desenvolvimento humano e desigualdade nas relações de poder em sua dimensão territorial com o objetivo de mapear a produção (desenvolvimento e distribuição).

4 COMPREENSÃO DO USO DA GEOGRAFIA ECONOMICA

O estudo acerca do papel do espaço na vida econômica, também possui estudiosos do século XXI que merecem destaque como Milton Santos, Harvey e mais recentemente, Claval. Neste contexto, valido trazer Claval (2005), que segundo o autor se deu até o fim do século XVIII o reconhecimento do espaço econômico. Inicialmente os estudos eram voltados a produção de riquezas e a realidade

socioeconômica. Com o mapeamento da produção, no final do século 17 já era de conhecimento que as atividades produtivas eram concentradas no litoral e em rios com possibilidade de navegação. Já no século 18 o mapa apresenta as trocas de riqueza como fundamental no circuito econômico.

Na obra “A Riqueza das Nações”, Adam Smith (1996) destaca a importância da observação geográfica ao ilustrar como a especialização do trabalho é restringida pela extensão dos mercados. Esse conceito pode ser relacionado à realidade contemporânea, onde a globalização e as tecnologias de comunicação ampliam a interconexão entre diferentes regiões, permitindo que as nações explorem suas vantagens comparativas. Smith também argumentou que a riqueza das nações deriva da ação dos indivíduos, da iniciativa dos empreendedores e do funcionamento autônomo dos mercados.

O ponto de vista de Smith, ainda é relevante, pois a dinâmica econômica global é influenciada por fatores como políticas de comércio internacional, investimentos estrangeiros e inovações tecnológicas que moldam as estruturas produtivas e a competitividade entre países. Dessa forma, a geografia econômica contemporânea pode ser entendida como uma análise das interações complexas entre recursos, mercados e comportamentos humanos em um mundo em constante transformação.

Especializar a economia é necessária, importante para compreender a movimentação do homem no espaço. Fato! Mas, Milton Santos, ao espacializar a economia, pública em 1979, a primeira edição da obra intitulada “Economia Espacial”. Na época, Santos (2011), já acenava para a importância da Geografia Econômica, sem desmerecer o Homem e a Natureza. Ele pontua que a Econômica, através de seus agentes, preocupa-se com o capital e deixa o Ser Humano relegado a uma terceira via em que não passam de mera estatística.

Nos primórdios da civilização, havia um ser humano prisioneiro de um espaço limitado, o qual, com a passagem do tempo, alcançam à liberdade intrínseca e busca por novos horizontes (SANTOS, 2011). Nesta jornada se desenvolve as dinâmicas produtivas, e com os novos meios de produção surge o sistema capitalista. Em 1979 é lançada à primeira edição de Economia Espacial de Milton Santos (2011), a qual se percebe que retrata a realidade do século XXI.

No contexto, Santos (2011, p. 138) destaca que as forças produtivas acarretaram uma profunda “[...] divisão – social assim como geográfica – do trabalho, que separou o homem dos meios de produção; a propriedade destes escapa cada vez mais do produtor direto para se concentrar nas mãos dos detentores do capital”. Em análise a situação atual se percebe uma força ainda maior na geohistoricidade da formação social e econômica no Brasil. Harvey (2005) também apresenta estudos que corroboram com Milton Santos, dizendo que a acumulação do capital surge da força interna e individual do sujeito produtivo.

Ora, se é conveniente atribuir ao indivíduo a problemática da acumulação do capital no contexto espacial, é também o que Lamoso (2011, p. 113) explica ser a formação do território. Para a autora, as causas econômicas são ancoradas no espaço, “já que não existem processo a-espaciais e ao

se ancorarem e serem transformados pela combinação de variáveis físicas, biológicas e humanas, se territorializam, definindo o território como espaço usado”. O crescimento populacional no mundo pode ser considerado como responsável pelas mudanças ocorridas em escala global.

Nessa linha de entendimento Harvey (2013) corrobora com a explicação que ocorreu uma “[...] ponderável revolução de cunho ecológico político, econômico e social” em todo o Planeta. Os embates decorrentes da luta em prol da natureza que surgiram após II Guerra Mundial envolvem formas de pensamento que convergem as ideias do capitalismo que, no período, somavam a construção do sistema Republicano de governar, ainda à sombra do império.

No final da década de 1979, Santos (2011) já falava em novas necessidades do capitalismo para um desenvolvimento real, de uma teoria do espaço posto a serviço do capital. O que implica, em trazer a ponderação de Santos é o fato que aquilo que era novo, “permanece” novo, após quase 40 anos da sua primeira edição. Sem querer se apossar da escrita do nobre estudioso da Geografia, mas, sim se apoderando do conhecimento que habilmente deixou como legado as gerações seguintes.

Não só a geografia passou a ser destaque como foi usada no período de guerras no século XX. Santos (2011, p. 19) escreve que “[...] Desde a Segunda Guerra Mundial, um número crescente de economistas começou a se interessar por problemas do espaço, enquanto os geógrafos preocuparam-se mais com problemas econômicos”. Esse geógrafo se questiona sobre este tipo de economia e acrescenta que a economia ao servir o capital precisou se libertar do Homem, banindo-o do de suas transações. Relegando-o a “uma média estatística”. Da mesma forma, a economia abandona o espaço social, por ser transformado pelo ser humano.

Nesse contexto, Ximenes, Araujo e Teixeira (2024) e Moraes (2009) expõem que a evolução econômica com uso do Meio Ambiente possui dois grandes seguidores: produtores e consumidores. Ambos são responsáveis pelo desenvolvimento econômico local e daí para frente passa a ser macro. O autor explica que a categoria de produtores são todos aqueles que se utilizam insumos naturais, inclusive quem utiliza de produtos industrializados que se utiliza dos recursos naturais que se trata de combustíveis, minerais, fauna e flora, gases de vários tipos.

De forma geral, a observação é de que o Ser Humano deixa de ser o sujeito principal no cenário econômico. Neste contexto, é lícito trazer Milton Santos (2011) que complementa dizendo que é por meio de produção que acontece às transformações antrópicas para fins de geração de riquezas. Portanto, ser humano e espaço é indissociável e as mutações ocorrem de forma constante e continua a evolução social e econômica. Assim como Santos (1998) pontua sobre o meio técnico-científico-informacional que é a razão de rápidas mudanças no espaço.

A geografia econômica, passa a buscar nas metodologias empregadas pela economia, uma base metodológica alimentando um olhar multidimensional necessária a essa subárea da geografia. Ela superou as abordagens do determinismo geográfico, buscou compreender a distribuição dos

fenômenos econômicos na organização do território. Para isso, os geógrafos passaram a utilizar, cada vez mais, teorias, modelos formais e métodos analíticos oriundos da Economia, o que resultou em novas perspectivas de pesquisa na área geográfica.

Com o propósito de compor um sistema de interações que contribua para a espacialização do Capital, a Contabilidade, é suporte de gestão ambiental. As políticas públicas, no contexto, utilizam-se das informações de custos, ativos e passíveis ambientais para tomadas de decisões que movimentam toda a Terra. A conjuntura socioeconômica não permite um retrocesso nas questões ambientais, tornaram-se problemas da Humanidade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia é uma ciência que estuda as características da Terra, descreve a superfície, ou seja, estuda o espaço e os fenômenos decorrentes das ações humanas. A transformação do espaço natural em espaço geográfico se dá, justamente, pela ação humana sobre as “coisas naturais”. Neste ínterim a busca por compreender o que ocorre com o espaço é que leva a entender outras categorias de análise da Geografia, como, por exemplo: lugar; paisagem; território; e, região.

A Economia entra neste estudo por fazer parte da movimentação e apropriação humana sobre a Terra. Seria neste estudo o movimento intelectual de sobrevivência. Cabe a interpretação do passado, a compreensão das teorias, da observação do presente, para entender os arranjos econômicos se faz necessário compreender o contexto histórico de apropriação do espaço em foco de análise pelo pesquisador. Trata, não só de consenso, mas da interpretação dos fatos em comparação aos fenômenos naturais. Fatores importantes, na economia são necessários observar e destacar na Geografia, daí a importância da quantificação em Geografia em uma perspectiva mais ampla: a da abordagem científica como um todo.

Esta quantificação contribui de tal forma com a pesquisa na área econômica que a estrutura se dá por diversos aspectos e com interdependências disciplinares. Por vezes ao se pensar Geografia e Economia se tende a elevar o pensamento a sustentabilidade e a economia, diretamente, voltada aos recursos naturais e ambientais. Entretanto, o estudo geográfico econômico trata de um contexto geral, a partir daí que se direciona o ramo econômico que o pesquisador pretende estudar. Como exemplo, aponta-se aqui a Contabilidade, o espaço que a mesma possui na movimentação financeira no mercado e o que isto interfere na vida humana.

A contemporaneidade mostra a exigência da sociedade de que as empresas ajam dentro dos princípios da ética ecológica e que, sobretudo, respeitem a fauna e flora. O pensar ecologicamente correto é necessário, mas, o que precisa são atitudes que levem as ações socioambientais. Visível a mudança cultural que a sociedade econômica tem tido, nas últimas décadas, entretanto, ainda há



lacunas que já deveriam ter sido preenchidas com políticas ambientais que coíbam o uso irresponsável da Natureza.

O pesquisador além da inquietação, necessita do instrumento que oportunize estruturar sua caminhada na busca de respostas. Neste sentido a Geografia Economia, responsável pelo assimilar da lógica da produção. A logística da distribuição das atividades econômicas e sua influência em diferentes escalas espaciais, se converte uma abordagem teórica metodológica estimulante a pesquisa a áreas como contabilidade, economia, direito ambiental e ao profissional da área de perícia e auditoria ambiental. Bem com os gestores de diferentes setores entre outros que busque correlacionar o econômico com o social em uma escala espacial.

Por conseguinte, a busca por saberes que contribuam com a caminhada acadêmica é uma missão que vale ao pesquisador saldo positivo que, por vezes, o reconhecimento do mérito só vem in memorian. Mas, o pesquisador não para. Não consegue parar. Pega a exemplo Descarte, filosofo que colocou em apreciação sobre os próprios métodos e descobre que precisa mudar para alcançar maior conhecimento sobre as “coisas”.



REFERÊNCIAS

CARAMELLO, Nubia; XIMENES, Claudia Cleomar; NUNES, Edna Sousa; MEIRELES, Izabel Liandra Pereira; QUEIROS, Maria Ivanúbia de. Estudos de campo nas aulas de geografia escolar: teoria e aplicação. . ed. Londrina: Sorian, 2021. 146 p.

CERQUEIRA, Claudia Cleomar Araujo Ximenes. Uso e ocupação do solo no PCA Formiguinha, Pimenta Bueno, Rondônia: análise e proposta de Arranjos Produtivos. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia, 2016.

CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. GeoTextos, vol. 1, n. 1, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Economia, Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 114p.

EGLER, Cláudio. As escalas da economia: uma introdução à dimensão territorial da crise. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 222-238 jul/set.

GEORGE. Pillet. Geografia Econômica. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1967. 313p.

HARVEY, David (2001). A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005. 252 p. (Coleção Geografia e Adjacências).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Phänomenologie des Geistes. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986. 470 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Wissenschaft der Logik. vol. I. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2014. 883 p.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Território e Dinâmica Econômica. In: VIDEIRA, Sandra Lúcia; COSTA, Pierre Alves; FAJARDO, Sérgio. (org). Geografia Econômica: (re)leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011. p. 109-123. 194 p.

MOLINA, Manoel Gonzalez; TOLEDO, Victor M. Metabolismos, naturaleza e historia: Hacia una teoría de las transformaciones socioecológicas. Barcelona: Icaria. 2011. 376 p.

MORAES, Orozimbo José de. Economia Ambiental: instrumento econômicos para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Centauro, 2009. 224p.

SANTOS, Milton Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. (1985). Espaço e Método. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014a. 120p (Coleção Milton Santos; 12).

SANTOS, Milton. (1988). Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014b. 136p (Coleção Milton Santos; 10).

SANTOS, Milton. (1994) Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012. 144p (Coleção Milton Santos; 14).



SANTOS, Milton. (1979). *Economia espacial*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: EDUSP, 2011. 176p (Coleção Milton Santos; 3).

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: uma investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultura, 1996. 796 p.

VIDEIRA, Sandra Lúcia. *Capital estrangeiro no Brasil: parâmetros para/de internacionalização*. In: VIDEIRA, Sandra Lúcia; COSTA, Pierre Alves; FAJARDO, Sérgio. (org). *Geografia Econômica: (re) leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011. p. 125-144. 194p.

XIMENES, Claudia Cleomar. ARAUJO, André Mateus; TEIXEIRA, Fagner Souza. *Construção do espaço geográfico: transição economia – da agricultura a (pré) industrialização*. LUMEN ET VIRTUS, São José dos Pinhais, Vol. XV Núm. XXXIX, p.3507-3527,

XIMENES, Claudia Cleomar. *O território usado para o ensino aprendizagem: para começo de conversa*. In: XIMENES, Claudia Cleomar; PAULA, Andréia Aparecida de; SOUZA, Bruno Campos de. (Organizadores). *A perspectiva do ensino: aprendizagem em territórios escolares*. 1. ed. Londrina, PR: Editora Sorian, 2021a. 114 p. p.11-20.

_____. *O ensino da geografia: do passado para a situação atual*. In: XIMENES, Claudia Cleomar (Org.). *O Espaço Geográfico da Educação: diálogo interdisciplinar em Tempo de Pandemia*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021b. 250 p. p. 13-35.

_____. *Gestão de recursos hídricos – uma proposta para recuperação de matas ciliares*. In: FIGUEIREDO, Tatiana Queiroz; XIMENES, Claudia Cleomar. *Educação Ambiental nas aulas de Geografia: Ensino-aprendizagem e as possibilidades da gestão de recursos hídricos*. 1. ed. Londrina, PR: Editora Sorian, 2021c. 106 p. p. 65-82.

XIMENES, Claudia Cleomar; LOCATELLI, Marília. *O espaço à luz das ciências geográficas: considerações iniciais necessárias para o estudo geográfico*. In: XIMENES, Claudia Cleomar; LOCATELLI, Marília. (Org.). *Transformação Espacial: uma leitura integrada*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. 182p. p. 17-26.